

ANDANDO NO VALE DA SOMBRA DA MORTE:
Colonização proletária da Baixada Fluminense,
Belford Roxo e o Governo Joca

Copyright © Linderval Augusto Monteiro, 2021

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os
meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Rita Luppi

CAPA João Gabriel Teixeira Monteiro

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO Luiz Guimarães

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M778a

Monteiro, Linderval Augusto

Andando no vale da sombra da morte: colonização proletária da Baixada Fluminense,
Belford Roxo e o Governo Joca / Linderval Augusto Monteiro. - 1. ed. - Rio de Janeiro:
Letra Capital, 2021.

142 p.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87594-84-2

1. Joca, 1948-1995. 2. Belford Roxo (RJ) - Política e governo, 1993-1995. I. Título.

21-69639

CDD: 320.98153

CDU: 32(815.3)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA
Telefax: (21) 3353-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

Linderval Augusto Monteiro

ANDANDO NO VALE DA SOMBRA DA MORTE:
Colonização proletária da Baixada Fluminense,
Belford Roxo e o Governo Joca

LETRAPITAL

*Para Deise
e nossos três discípulos:
João Gabriel, Pedro Afonso e
Mateus Augusto*

Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem a existência de algumas pessoas:

Carlos Eduardo Barbosa Sarmiento. Sem dúvida meu melhor amigo dos tempos de graduação e mestrado. Sem a sua sugestão de estudar a Baixada Fluminense e de utilizar relatos orais, eu provavelmente não teria vencido um certo sentimento de inferioridade (tão próprio de moradores de periferias) que me fazia ter a certeza de que não era capaz de realizar a pesquisa que deu origem a este texto.

Infelizmente, o Carlos nos deixou cedo demais, em 2013 e não verá esse texto transformado em livro.

Deise Teixeira Geraldo Monteiro. Minha companheira de tantos anos. Melhor amiga e cúmplice. Além de tudo foi a responsável pelo trabalho absolutamente estressante de seleção das matérias de periódicos regionais em arquivos completamente desorganizados. Te amo e não saberia viver outra vida que não seja a que compartilhamos.

Marieta de Moraes Ferreira. Um trabalho acadêmico orientado sem que se agradeça orientadores, mesmo quando eles pouco ou nada ajudaram, não existe. Aqui, com toda a sinceridade, não faço o agradecimento por mera formalidade. A Marieta tornou-se mais que professora e orientadora e passou a ser minha amiga. Não poderia deixar de dizer que superei muitas deficiências a partir do que aprendi com você e que boa parte do que eu hoje sou como professor e orientador é uma tentativa, quase sempre fracassada, de te imitar.

Não poderia deixar de agradecer a um grupo grande de pessoas que participaram desse trabalho e que provavelmente nunca saberão da existência dele. Os personagens entrevistados por mim, que mesmo sem terem ideia de qual a utilidade daquelas gravações intermináveis, aceitaram dividir com um desconhecido pedaços quase sempre duros de suas vidas.

Sumário

Prefácio.....	11
Introdução.....	13
CAPÍTULO 1 - Das vilas entrepostos aos loteamentos periféricos.....	25
CAPÍTULO 2 - A rede de resolução de problemas práticos: uma forma possível de cidadania?.....	57
CAPÍTULO 3 - A trajetória política de Joca	89
Conclusão	129

Prefácio

Este livro é uma versão razoavelmente modificada de minha dissertação de mestrado defendida no ano de 2001 no Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ. O título gigantesco do trabalho era “Baixada Fluminense: identidades e transformações. Estudo de relações políticas na Baixada Fluminense. A criação do município de Belford Roxo e a mitificação política de seu primeiro prefeito”.

Nesses 20 anos, eu voltei pouco às questões centrais da dissertação. Preocupado com aquilo que primeiramente me chamou a atenção na história política da região onde nasci – a investigação microscópica de lideranças populares que em nenhum momento da vida participaram efetivamente da vida institucional em municípios da Baixada Fluminense –, terminei por pensar pouco na figura do primeiro prefeito de Belford Roxo e na investigação da maneira como o estilo de liderança inaugurado por ele terminou se perpetuando nessa periferia.

O que me chamou de volta para o assunto foi a surpresa que algum tempo atrás tive ao descobrir que partes de minha dissertação eram utilizadas em cursos de História e Geografia na região da baixada e também a descoberta de que o último governo municipal de Belford Roxo (2017-2020) promove uma violenta dilapidação dos símbolos muito caros ao prefeito Jorge Julio Costa dos Santos (Joca) e que acabaram se transformando em marcas identitárias do próprio município.

Não que a destruição do pórtico inaugurado pelo primeiro prefeito em 1994 ou a extinção do dia de “São Joca” (20 de junho) me perturbe e eu me perceba como defensor da memória dele. Longe disso. Mas ao ver os entulhos do pórtico construído pelo primeiro prefeito, lembrei da força daquilo que gerou o fenômeno “Joca” e pensei no tanto que era inútil destroçar os

símbolos de algo que foi somente o sintoma das maneiras próprias dos colonizadores proletários da baixada resolverem seus problemas práticos.

A última ideia expressa na dissertação foi a de que Joca era descartável, uma vez que aquilo que o gerou continuava vivo e ele morto.

Não exatamente reescrevi meu trabalho. Penso que isso seria injusto com aquele que eu era no final dos anos 1990. Foi impossível, entretanto, não tentar corrigir os muitos erros que cometi por inexperiência, incompetência ou desejo de abraçar o mundo inteiro, como ocorre sempre com quem estreia na pesquisa histórica.

Por fim, gostaria que este texto fosse, como disse Jean Genet no seu *Diário de um Ladrão*, “(...) um presente fixado com a ajuda do passado, não o contrário”.

Introdução

*Gente lavando roupa
Amassando pão
Gente pobre arrancando a vida
Com a mão
(Caetano Veloso)*

José da Silva Pereira é um recifense nascido em 1960 que reside no bairro de Lote XV, município de Belford Roxo, desde o ano de 1992, época em que perdeu seu emprego como ascensorista e passou a trabalhar informalmente, quase sempre como servente de pedreiro.

Entrevistei-o em 1994¹ e ele esquivou-se quando pedi que descrevesse sua vida. José ficou em silêncio e logo depois explicou que aquele silêncio se devia ao fato de não perceber a importância da descrição de sua vida. Ele não era “importante” e por isso considerava estranho alguém pedir que falasse sobre si.

Viera muito cedo do Nordeste acompanhando seus pais. Tão cedo que mal se lembrava da viagem. Estudara “pouco demais”, abandonando “os estudo” para ajudar a família vendendo bala nos trens suburbanos do Rio de Janeiro.

Casou-se tão logo conseguiu um emprego fixo porque pensou que deixaria a partir dali de depender do dinheiro dos “biscates” que fazia. Tivera duas filhas que agora “já estavam grandes” e que exigiam confortos que ele não podia dar. Temia pelo futuro delas porque era muito pobre.

Por fim, com exceção das tardes nas biroschas e do futebol de final de semana, a vida parecia um fardo para José, que saía de casa todos os dias pela madrugada ainda. Porque não era um trabalhador com “carteira assinada”, perdera o direito ao va-

¹ PEREIRA, José da Silva. Entrevista concedida em 3 jun.1994.

No item 2 das Referências existe uma listagem completa dos entrevistados e de seus dados pessoais. Optei por transcrever as falas sem realizar correções gramaticais de nenhuma espécie.